

DESEMPENHO E QUALIDADE DA CARÇAÇA DE SUÍNOS CRIADOS COM ACESSO À PASTAGEM NAS FASES DE CRESCIMENTO E TERMINAÇÃO

*João Miguel de Souza¹
Jorge Luiz Paiva Severo²
Renato Irgang³
José Fernando da Silva Protas⁴
Rivaldo Albino Dhein¹
Cláudio Nápolis Costa⁵*

A suinocultura foi sempre uma atividade integrada à produção agropecuária do Planalto Médio e Alto Uruguai do Rio Grande do Sul. A modernização da agricultura e a exploração do binômio trigo/soja ocorridos nos últimos anos, trouxeram uma sensível diminuição da produção de suínos destas regiões, cuja recuperação vê-se dificultada pelos elevados custos de investimentos e dos insumos utilizados na suinocultura.

Objetivando encontrar alternativas de diversificação da exploração agrícola, a Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. (cotrijuí), juntamente com a EMBRAPA–CNPSA, realizaram no Centro de treinamento da COTRIJUI, um experimento sobre criação de suínos com acesso à pastagem nas fases de crescimento e terminação, visando determinar a viabilidade econômica do sistema.

O desempenho de seis suínos mestiços Landrace × Large White e seis suínos mestiços Wessex × Duroc foi avaliado dos 77 aos 180 dias de idade, em média, em cada um dos seguintes tratamentos:

- A) confinamento total com ração à vontade, sem acesso à pastagem;
- B) semiconfinamento, com ração à vontade e acesso ao pastejo direto;
- C) semiconfinamento, com quantidade de ração pré-determinada e fornecida em duas refeições diárias (manhã e tarde) e acesso ao pastejo direto;
- D) semiconfinamento, com ração restrita em 80% da ração fornecida no Tratamento C, em duas refeições diárias, e acesso ao pastejo direto.

Todos os animais receberam água à vontade. A ração continha 15 e 14% de proteína bruta respectivamente nas fases de crescimento e terminação. A pastagem utilizada foi Bermuda Coast-Cross (*Cynodon dactylon*), com 380 m² de área disponível por animal. As carcaças foram avaliadas segundo o Método Brasileiro de Classificação de Carcaças.

¹Eng. Agr., M. Sc., Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. (COTRIJUI), 98700-000, Ijuí, RS

²Méd. Vet., B. Sc., COTRIJUI

³Eng. Agr., Ph. D., EMBRAPA–CNPSA

⁴Econom., M. Sc., EMBRAPA–CNPSA

⁵Zootec., M. Sc., EMBRAPA–CNPSA

Na Tabela 1 estão apresentados os resultados de desempenho dos animais. Aos seis meses de idade, verificou-se os suínos dos Tratamentos A, B e C apresentaram peso vivo médio muito semelhante, enquanto que os Tratamentos D apresentam o menor peso. O mesmo verificou-se com o ganho em peso. O menor ganho em peso dos animais do Tratamento D pode ser explicado pela redução imposta em seus consumos de ração.

Para produzir ganhos de peso semelhantes, os suínos dos Tratamentos B e C consumiram respectivamente e em média, 31,7 e 12,9 kg de ração a menos do que os animais do Tratamento A. Os valores de conversão alimentar indicam que estas reduções representam uma economia de, respectivamente, 11,8 e 7,6% de ração por kg de suíno produzido.

Embora não tenham produzido ganhos de peso semelhantes, os suínos do Tratamento D apresentaram uma conversão alimentar 12,6% melhor e consumiram 69,8 kg de ração a menos do que os do Tratamento A.

Os resultados de carcaça apresentados na Tabela 2 indicam que os suínos submetidos aos Tratamentos C e D tiveram menor rendimento de carcaça. Os valores médios de comprimento de carcaça, área de olho de lombo e espessura de toucinho, sugerem qualidade semelhante de carcaça para os Tratamentos A, B e C. A quantidade de gordura por kg de carne na carcaça foi semelhante entre os Tratamentos A e C, e maior Tratamento B. O Tratamento D apresentou carcaças mais leves, mais curtas e com a menor área de olho de lombo em relação aos demais tratamentos, porém com menor deposição de gordura por unidade de carne na carcaça.

O excesso dos suínos ao pastejo direto durante as fases de crescimento e terminação, proporcionou uma economia média ao redor de 10% no consumo de ração por kg de suíno vivo produzido, sem afetar a qualidade da carcaça. A limitação imposta no consumo diário de ração no Tratamento D determinou menor ganho de peso não compensado pelo excesso ao consumo direto de pastagem. No entanto, este ganho pode ser considerado razoável, especialmente em condições econômicas adversas de criação.

Tabela 1 – Número de animais, peso médio inicial e aos 180 dias de idade, ganho de peso total, consumo de ração e conversão alimentar por tratamento.

Tratamento	Número de suínos	Peso inicial (kg)	Peso 180 dias (kg)	Ganho de peso total (kg)	Consumo de ração		Conversão alimentar	
					(kg)	(%)	(kg)	(%)
A	11	17,9	97,1	79,2	263,9	100,0	3,40	100,0
B	12	19,3	98,4	79,2	237,6	88,2	3,00	88,2
C	12	18,7	100,4	81,7	256,4	95,2	3,14	92,4
D	12	19,0	84,4	65,4	194,1	72,0	2,97	87,4

Tabela 2 – Peso, rendimento, comprimento de carcaça, área de lombo, espessura de toucinho e quantidade de gordura por kg de carne na carcaça, por tratamento.

Tratamento	Peso carcaça fria (kg)	Rendimento industrial (%)	Comprimento carcaça (cm)	Área de olho de lombo (cm ²)	Espessura média toucinho (cm)	Quantidade gordura/kg de carne (kg)
A	72,2	72,9	94,8	33,9	3,0	0,68
B	72,8	74,0	95,8	33,2	3,1	0,76
C	71,5	70,9	95,7	34,0	3,0	0,65
D	60,0	70,9	92,6	30,0	2,6	0,60